



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

**O tradutor e o detetive em *El día del chacal*
Comentários à tradução de um romance policial**

Hugo Henrique Maciel Serafini

Brasília, DF

2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Hugo Henrique Maciel Serafini

**O tradutor e o detetive em *El día del chacal*
Comentários à tradução de um romance policial**

Projeto Final do Curso de Letras Tradução Espanhol, apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol pela Universidade de Brasília, UnB.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucie Josephe de Lannoy

Brasília, DF

2018

Serafini, Hugo Henrique Maciel

Tradução – Brasília, 2018. 40p.

Projeto Final de Curso (Bacharelado) – Universidade de Brasília,
Instituto de Letras, 2018

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucie Josephe de Lannoy

1. Tradução Literária. 2. Estudos do Discurso. 3. Retradução.

FICHA DE APROVAÇÃO

Tradução

Projeto Final do Curso de Tradução julgado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol.

Área de Concentração: Tradução de Textos Literários

Hugo Henrique Maciel Serafini

Projeto Final aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Lucie Josephe de Lannoy
(Orientadora – LET/UnB)

Prof^a. Dr^a. Sandra María Pérez López
(LET/UnB)

Prof^a. Dr^a. Gislene Maria Barral Lima da Silva
(TEL/UnB)

Ao meu avô, Oscar Serafini

RESUMO

Este projeto tem como objeto de estudo a leitura do primeiro capítulo da obra de Frederick Forsyth, traduzida ao português por Pinheiro de Lemos, com o título *O dia do Chacal* (1974). Como a obra original foi escrita em inglês, a leitura é comparada com a versão em espanhol de *El día del Chacal* (1972), a qual serviu de referência para a tradução acima referida.

O trabalho leva em consideração o fato de que o tradutor tem a possibilidade de atualizar, no tempo e no espaço, um texto que foi escrito quase cinquenta anos atrás. Desse modo, este estudo pesquisa os traços das formas arcaicas e, também, aquelas que de algum modo impedem, ao leitor brasileiro de hoje, uma leitura fluida.

O trabalho discutirá, ainda, questões de adaptação em relação a elementos estrangeiros presentes na obra e realizará a proposta de uma retradução parcial desse romance policial ao português, tendo como base, para as suas reflexões, teóricos como Antoine Berman e Henri Meschonnic, além do próprio Pinheiro de Lemos.

RESUMEN

El objetivo de este proyecto es realizar una lectura exploratoria del primer capítulo de la obra *The day of the Jackal*, de Frederick Forsyth, que fue traducida al portugués por Pinheiro de Lemos, con el título *O dia do Chacal* (1974). Si la obra original fue escrita en inglés, fue la versión al español (*El día del Chacal*, 1972) la que sirvió de referencia para traducirla al portugués; por eso, se realiza una lectura comparada entre las dos versiones.

El trabajo lleva en cuenta el hecho de que el traductor tiene la posibilidad de actualizar, en el tiempo y en el espacio, un texto que fue escrito hace casi cincuenta años. De ese modo, este estudio investiga los rasgos de formas arcaicas y, también, aquellas que de algún modo impiden, al lector brasileño de hoy, leerla con una mayor fluidez.

El trabajo discute, además, el tema de la adaptación en traducción, con relación a elementos extranjeros presentes en la obra, y propone una retraducción parcial de ese romance policial al idioma portugués. Para apoyar las reflexiones, sirven teóricos de la traducción como Antoine Berman y Henri Meschonnic, así como también el propio traductor brasileño, Pinheiro de Lemos.

SUMÁRIO

Sumário	8
Introdução	9
Capítulo 1	10
1.1 Apresentando o autor e a obra	10
1.2 Apresentando os tradutores	11
1.2.1 Ramón Hernandez Martín	11
1.2.2 Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos	11
1.3 Características do romance policial	11
Capítulo 2	13
2.1 Comentários à versão ao português do primeiro capítulo	13
2.1.1 Sobre o título do livro	13
2.1.2 Sobre o título da Primeira Parte	13
2.2 Justificativa	13
2.3 Reflexões sobre algumas escolhas tradutórias	14
Capítulo 3	17
3.1 Apresentação de uma proposta de retradução parcial	17
Considerações finais	32
Referências	33

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo discutir a adaptação e tradução do primeiro capítulo da obra *The day of the Jackal* (1971), de Frederick Forsyth, ao português com o título *O dia do Chacal* (1974). E, levando em consideração que o tradutor tem a possibilidade de atualizar, no tempo e no espaço, um texto que foi escrito há quase cinquenta anos, este estudo procurará traços e formas arcaicas e, também, aquelas que de algum modo impedem, ao leitor brasileiro de hoje, uma leitura fluida.

Tratar da obra de Forsyth, *O dia do Chacal*, implica em percorrer algumas noções de história, de teoria sobre o romance policial e respaldar as observações feitas à tradução remetendo-nos a autores da Teoria da Tradução Literária, como Benjamin, Berman ou Meschonnic. Como a obra original foi escrita em inglês, o estudo começará pela leitura comparada com a versão do mesmo livro escrita em espanhol. O trabalho discutirá, ainda, questões de adaptação em relação a elementos estrangeiros presentes na obra. E, finalmente, como desafio para o tradutor em formação, apresentar a proposta de uma retradução parcial do primeiro capítulo desse romance policial ao português contemporâneo.

A motivação para escolher esse tema, ao realizar o Projeto Final do Curso de Letras Tradução Espanhol, partiu do desejo de homenagear um dos homens mais importantes da minha vida, o meu avô, Oscar Serafini, quem me emprestou a obra de Frederick Forsyth, *El día del Chacal*. Ao confiar a mim um de seus bens mais preciosos me permitiu conhecer seu autor favorito, representante do gênero literário que ele mais gosta. Ofereço a tradução ao português de um capítulo da obra para que o meu avô possa recordar a época em que ele vivia em Brasília.

CAPÍTULO 1

1.1 APRESENTANDO O AUTOR E A OBRA

Frederick Forsyth nasceu em 25 de agosto de 1938, em Ashford, Kent, na Inglaterra. Foi piloto na aviação comercial e correspondente da Agência Reuters em Paris, de onde viajou pelo mundo todo. Ao retornar para Inglaterra, em 1970, começa a escrever ficção. Como jornalista, teve de cobrir as viagens do General de Gaulle (1890-1970), na época dos atentados da OAS¹. Esta experiência lhe deu a oportunidade de conhecer os dramas da política internacional. Por esse motivo, decidiu contar um atentado desconhecido: aquele encomendado ao Chacal, um assassino lendário, para matar o General de Gaulle, então Presidente da França. Este relato e outros romances do escritor se desenvolvem partindo sempre de fatos reais. As organizações de direita, que passaram a atuar na Europa depois da Segunda Guerra Mundial, têm sido um dos seus alvos prediletos.

O dia do Chacal (como foi traduzido ao português), é um dos mais famosos romances policiais já escritos. Em 1971, ano de sua publicação, recebeu o prêmio literário norte-americano, Edgar Allan Poe. E foi traduzido para trinta idiomas. Descreve, como já vimos, a tentativa de assassinato do General Charles de Gaulle, ocorrida em agosto de 1962. A partir desse acontecimento, Forsyth penetra no submundo da Organização do Exército Secreto, que se opunha violentamente à política de descolonização da Argélia, adotada pelo governo da França. O escritor mistura ficção e realidade quando, partindo do fato concreto e real acima mencionado, narra, com detalhes de um profundo conhecedor, a preparação de um novo atentado contra o presidente de Gaulle.

Este romance policial passou para as telas dos cinemas em 1973, com o título *The Day of the Jackal*, dirigido por Fred Zinnemann. O thriller policial anglo-francês recebeu várias premiações e figura como um dos 75 melhores filmes do século XX.

Contudo, o tema político colocado nos romances trouxe algumas dificuldades para Forsyth. Tanto que ele decidiu abandonar a profissão de escritor e retornar às suas antigas atividades jornalísticas.

¹*Organisation de l'Armée Secrète*: Organização francesa clandestina do Exército Secreto

1.2 APRESENTANDO OS TRADUTORES

1.2.1 RAMÓN HERNANDEZ MARTÍN

Ramon Hernandez Martín nasceu em Macotera, Salamanca, no ano de 1932. Começou a vida religiosa em 1950 na Orden de los Predicadores, um convento em Palencia, e estudou filosofia e teologia até ser ordenado padre em 1958. Fez doutorado em teologia na cidade de Roma e obteve também diplomas de arquivista, paleógrafo e diplomata. Foi professor de História da Igreja e História da Teologia em Salamanca.

1.2.2 ALFREDO BARCELLOS PINHEIRO DE LEMOS

No Brasil foi traduzido por Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos, nascido em 1938 e formado em Direito pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 1960. Foi repórter e redator de O Globo, Diário de Notícias, Tribuna da Imprensa, Jornal do Brasil. Foi publicitário, de atendimento e criação na Standard, Denison, Norton, e agência própria, BCA. É tradutor de inglês, francês e espanhol para o português, com cerca de mil livros traduzidos desde 1972.

No livro, *Conversa com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*, organizado por Ivone C. Benedetti e Adail Sobral (2003), ele responde a uma entrevista de dez questões que revelam não apenas ser um tradutor muito experiente, como, também, mostra alguns traços do seu projeto tradutório. Para ele, a fidelidade ao texto de partida é soberana (PINHEIRO DE LEMOS, apud BENEDETTI E SOBRAL, 2003,p.126). Contudo, nesse *ir e vir* do ato de traduzir, ele diz ter sentido falta da base teórica, pois não havia cursos quando ele começou a fazer das traduções o seu meio de vida.

1.3 CARACTERÍSTICAS DO ROMANCE POLICIAL

Segundo o Dicionário de Termos Literários (<http://www.edtl.fcsh.unl.pt>, 2009), o romance policial tornou-se muito popular na literatura dos últimos dois séculos. As características de uma narrativa policial encontram-se em contos e novelas. No romance policial de detetive, o herói é um detetive particular. O romance policial pode ser analítico ou de aventura. Se for analítico, o crime acontece, quase sempre, antes de começar a investigação, sendo o enredo o desenrolar lógico de um quebra-cabeça de cuja resolução apenas o herói está à altura. O thriller envolve uma conspiração contínua que o herói tem que derrubar. São características também:

- Interrupção do fluir normal do mundo. Interrupção misteriosa que é fonte de suspense e de desejo de resolução que assume, quase sempre, a forma de homicídio.
- A ideologia que subjaz ao romance policial é da ordem estabelecida que deve ser defendida. Quem atentar contra ela, deve ser punido e chega-se a um final feliz.
- Havendo crime, todos são suspeitos até que se encontre o culpado. Portanto, há uma culpa que infecta toda a sociedade, culpa que só se extrai com a descoberta do verdadeiro culpado.
- O detetive tem as características de: extremo profissionalismo, uma certa frieza, alguma solidão que lhe confere superioridade insolente em relação ao que lhe rodeia, certa masculinidade agressiva e ativa, uma competitividade individualista.

Este gênero apoia-se no jogo dedutivo, podendo ser um jogo com o próprio leitor. O clímax da história surge como objeto do desejo do herói e do leitor. O herói constitui voz única que estrutura a visão transmitida pelo romance, concomitante com a voz ideológica que vai além da sociedade retratada. O romance é geralmente urbano e descreve uma clara oposição entre bem e mal. O policial é uma forma fixa com origem na literatura popular e que a literatura erudita aproveita de forma descarada e criativa. Desta forma, o romance policial é um gênero com uma riqueza, por vezes, ignorada e tem uma importância fundamental na criação literária das últimas décadas (NEVES, 2009).

CAPÍTULO 2

2.1 COMENTÁRIOS À VERSÃO AO PORTUGUÊS DO PRIMEIRO CAPÍTULO

2.1.1 SOBRE O TÍTULO DO LIVRO

O título do livro, *O dia do Chacal* (*The Day of the Jackal*, no original), figuraria em sintonia com a obra que rodou pelo mundo e com o filme do mesmo nome. No entanto, nos perguntamos, pensando no leitor brasileiro de hoje, se não caberia uma nota do tradutor esclarecendo que Chacal remete ao apelido de um dos mais famosos assassinos do pós-guerra europeu.

A definição em português do substantivo masculino *Chacal* é a seguinte: 1. Mamífero carnívoro da família dos canídeos, encontrado na África e na Ásia, em áreas abertas e áridas. 2. Termo militar para as telecomunicações. Dispositivo de interferência utilizado para prejudicar radiocomunicações inimigas (<https://www.dicio.com.br>).

Dentro de um contexto europeu em conflito com a África, quando a França, por exemplo, disputava a manutenção da Argélia como território colonial, a conotação de Chacal tem um sentido de familiaridade que se perde em relação ao Brasil. Essas regiões áridas em que esse animal se encontra equivaleriam à caatinga ou ao cerrado, onde não existem chacais.

2.1.2 SOBRE O TÍTULO DA PRIMEIRA PARTE

Parte I – Anatomia de uma conspiração é o título da Primeira Parte do livro. Em um primeiro momento, fora traduzido ao espanhol como: *Anatomía de una conjura* pelo tradutor Ramón Hernández e traduzido ao português por Pinheiro de Lemos como: *Anatomia de um complô*. Ele fez a escolha de um termo francês também utilizado no português e, de certa forma, bastante adequado ao século XX, se comparado o termo em espanhol, que remete à Idade Média.

Justificativaa

2.2 JUSTIFICATIVA

Para Meschonnic (2009), a motivação de traduzir vem de uma tarefa semelhante à de limpar os quadros antigos para que as cores se tornem vivas novamente.

Todo conceito comum da linguagem sabe enxergar apenas a forma e o sentido.

A tradução que se inscreve no esquema de forma e sentido para formar o signo, parece reforçar a oposição entre língua e tradução (do lado da forma, a fonte) e a língua para a qual se traduz, do lado do sentido, a meta.

Isso encobre outros aspectos, por ex., que não se traduz uma língua, mas um discurso, um texto (que é o que um sujeito faz com a sua língua). Ao se tratar de algo que tem uma força especial (...), então, o que se diz não pode ser separado do movimento com o qual o dizemos, ao igual quando damos algo, não o separamos da maneira como o damos. Aí, já não estamos no descontínuo entre forma e sentido mas, no contínuo da física da linguagem (...).

O signo é totalidade, mas a linguagem é da ordem do infinito. Para Humboldt (apud Meschonnic, op. cit.): a utilização infinita de meios finitos. Por isso, não podemos opor poesia e prosa.

E, como o próprio autor diz, ele traduz seguindo três desteologizações. Escuta a significância, a força da linguagem e a hermenêutica.

Citamos a Berman (*A retradução como espaço da tradução*), para quem o espaço, aqui, refere-se à realização, à ideia de tarefa realizada. Há uma incompletude/um inacabado que caracteriza a tradução e somente a retradução atinge a completude, a realização.

É comum, procurar motivos para a necessidade de retraduzir.

Os originais permanecem eternamente jovens (seja qual for o grau de interesse que lhe damos, a sua proximidade ou distância cultural), as traduções envelhecem.

As traduções correspondendo a um determinado estado da língua, da literatura, da cultura, acontece, com frequência, que elas não dão mais conta do estado seguinte.

Então, se faz necessário retraduzir, pois a tradução que existe não desempenha mais o papel de revelar ou comunicar a obra. Aliás, como nenhuma tradução pode pretender ser “a” tradução, a possibilidade, a necessidade da retradução faz parte da própria estrutura do ato de traduzir. Toda tradução feita depois da primeira tradução de uma obra é uma retradução.

2.3 REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS ESCOLHAS TRADUTÓRIAS

A primeira impressão, em relação à leitura da obra, foi constatar a sua linguagem arcaica. Pensando no leitor comum, sujeito a pensar “Poxa, não sou capaz de compreender”, e ele, então, se frustrando pela dificuldade em criar empatia e comprometimento para com a obra, é que surgiu a motivação de retraduzir. Para Walter Benjamin (1921, p.1), “em caso algum a

preocupação com o destinatário se revela fecunda para o conhecimento de uma obra de arte ou de uma forma artística”. Contudo, o mesmo autor defende o exercício da tradução como uma forma de nos confrontarmos com a estranheza das línguas (revelada pelos leitores) e transmitirmos melhor o parentesco entre os idiomas, como uma forma de perpetuar a obra.

O dia do Chacal, em espanhol, começa da seguinte maneira:

En París, a las seis y cuarenta minutos de una mañana de marzo, hace frío; y el frío parece aún más intenso cuando un hombre está a punto de morir frente al pelotón de ejecución. El día 11 de marzo de 1963, a esa hora, en el patio principal de Fort d’Ivry, un coronel de las Fuerzas Aéreas Francesas se hallaba de pie junto a un poste hundido en la glacial arena mientras le ataban las manos al poste, y miraba con incredulidad lentamente decreciente al pelotón de soldados situado frente a él, a veinte metros de distancia.

E optamos por traduzir:

Em Paris, às 6:40h de uma manhã de março, faz frio; e o frio se faz notar ainda mais intenso quando um homem está a ponto de morrer diante do pelotão de execução. No dia 11 de março de 1963, neste exato momento, no pátio principal do Fort d’Ivry, um coronel das Forças Aéreas francesas se encontrava de pé junto a um poste fincado na gélida areia, enquanto lhe prendiam as mãos ao poste, e olhava com uma descrença que lentamente ia diminuindo ao pelotão de soldados situados diante dele, a vinte metros de distância.

Segundo Berman (2012, p.71), “a clarificação é inerente à tradução, na medida em que todo ato de traduzir é explicitante”, e esta pode ser positiva, na medida em que revela algo reprimido ou parcialmente revelado no original ou negativo, ao passar de uma polissemia a uma monossemia, o que não é o caso ao especificar no texto acima traduzido, por exemplo: “nesse exato momento” ou “gélida areia”.

Quanto ao tratamento dos estrangeirismos, a retradução permitiu diminuí-los. Vejamos alguns exemplos:

1. Coup-de-grâce - golpe de misericórdia;
2. Garde Républicaine – Guarda Republicana
3. Gendarmerie Nationale – Guarda Nacional
4. Gendarme – policial.

Quanto aos nomes das ruas, a domesticação não implicou em despersonalizar o espaço onde acontece a trama do romance, Paris, por isso, são apresentadas em francês. Da mesma

forma, a referência aos meios de transporte e de comunicação da época, foram, apenas, parcialmente atualizadas. A questão, por exemplo, do uso do telefone público com moedas merece uma nota do tradutor, ao nosso entender. Pois, certos traços que remetem ao tempo e ao espaço da ação do romance podem ser preservados, desde que se os ressignifique para o leitor de hoje. Pois como bem critica Meschonnic, a tradução não é, “então, uma amnésia coletiva. Uma desescritura. Uma desistoricização” (MESCHONNIC, 2010,p.XXVI).

Quanto ao uso das siglas, também houve uma necessidade de explicitá-las e ou alterá-las:

- OAS passou a OSE (Organização Secreta do Exército);
- SDECE (Contra-espionagem, Segurança Interna), Service de Documentation Extérieure et de Contre-Espionage, seria Serviço de Contra-Espionagem e Documentação Internacional.

CAPITULO 3

3.1 APRESENTAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE RETRADUÇÃO PARCIAL

PRIMEIRA PARTE

ANATOMIA DE UMA CONSPIRAÇÃO

Primeiro capítulo

Em Paris, às 6h40 de uma manhã de março, faz frio; e o frio se faz notar ainda mais intenso quando um homem está a ponto de morrer diante do pelotão de execução. No dia 11 de março de 1963, neste exato momento, no pátio principal do Fort d'Ivry, um coronel das Forças Aéreas francesas se encontrava de pé junto a um poste fincado na gélida areia, enquanto lhe prendiam as mãos ao poste, e olhava com uma descrença que lentamente ia diminuindo para o pelotão de soldados situados diante dele, a vinte metros de distância.

Um pé arrastou com força o cascalho do chão, e esse ruído aliviou um pouco a tensão enquanto passavam a venda ao redor dos olhos do tenente-coronel Jean-Marie Bastien-Thiry, fechando-os à luz para sempre. O sussurro de um padre constituía um inútil contraponto ao ranger de vinte ferrolhos de fuzis, enquanto os soldados carregavam e preparavam suas armas.

Do outro lado dos muros, um caminhão “Berliet” pedia passagem, às buzinas, a outro veículo menor que havia cruzado seu caminho em direção ao centro da cidade; o som desapareceu, se confundindo com a ordem de “Apontar!” dada pelo oficial encarregado do pelotão. O barulho dos disparos, quando soou, não produziu uma ruga sequer na superfície da cidade que despertava, salvo por um bando de pombos que empreendeu voo num instante. Segundos mais tarde, o barulho solitário do golpe de misericórdia se perdeu no estrondo crescente do tráfego que vinha do outro lado dos muros.

A morte do oficial, chefe de um bando de assassinos da Organização Secreta do Exército que o qual havia proposto assassinar o presidente da França, devia ter posto um ponto final... ponto final a tentativas posteriores de atentar contra a vida do presidente. Por uma brincadeira de mau gosto do destino, isso foi apenas a sinalização de um começo, e a explicação, porque isto

será, sem dúvida, necessário explicar: qual o motivo de um cadáver crivado ter ficado pendurado pelas cordas no pátio da prisão militar nos arredores de Paris naquela manhã de março.

O sol havia descido finalmente por trás dos muros do palácio, e grandes sombras se estendiam pelo pátio trazendo um alívio bem-vindo. Às 19h do dia mais quente do ano, a temperatura ainda era de 23 graus. Na cidade esturricada, os parisienses com esposas se queixando e a molecada berrando enchiam os carros e trens, dispostos a sair da cidade para um final de semana no campo. Era 22 de agosto de 1962, o dia em que um punhado de homens que esperavam fora dos limites da cidade haviam decidido que o Presidente, o general Charles de Gaulle, devia morrer.

Enquanto a população da cidade se preparava para se defender do calor com o relativo frescor dos rios e das praias, atrás da enfeitada fachada do Palácio do Eliseu, a reunião do Gabinete prosseguia. Do outro lado do ardente asfalto, que começava a esfriar sob a tão ansiada sombra, 16 “Citroen DS” pretos se encontravam estacionados um atrás do outro, formando um círculo ao redor de três quartos da área.

Os motoristas, abrigados no lugar mais assombreado, junto ao muro oeste, onde as sombras haviam chegado primeiro, trocavam brincadeiras bestas daqueles que passam a maior parte dos seus dias de trabalho à espera dos caprichos de seus patrões.

Naquele dia em particular, se conseguia escutar vários comentários ásperos sobre a impressionante duração das deliberações do Gabinete, até que, pouco antes das 19h30, um oficial coberto de condecorações e de medalhas apareceu detrás das portas de vidro, no alto da ampla e artística escada de seis degraus do palácio, e fez um sinal aos guardas. Os motoristas imediatamente jogaram fora seus cigarros meio fumados, e os apagaram pisando-os com força sobre o asfalto. Os agentes de segurança e os guardas assumiram atitudes de sentido em suas guaritas situadas em ambos os lados da entrada principal, e as maciças grades de ferro se abriram de par em par.

Os motoristas já estavam ao volante de seus veículos quando apareceu o primeiro grupo de ministros. O oficial abriu as portas e os membros do Gabinete desceram a escada, ao mesmo tempo em que trocavam os últimos comentários engraçados e desejavam-se uns aos outros um calmo e reparador fim de semana. Pela mesma ordem em que se encontravam estacionados, os automóveis se detinham ao pé da escada, um atrás do outro, o oficial, com uma reverência, abria

a porta traseira, os ministros ocupavam seus lugares em seus respectivos carros e eram levados – após receber as saudações da Guarda Republicana – através da Faubourg Saint-Honoré.

Em dez minutos todos haviam se afastado. Ficavam ainda no pátio dois grandes “Citroën DS I9” pretos que se aproximaram lentamente até o pé da escada. O primeiro, que exibia a flâmula da Presidência da República Francesa, era conduzido por FancisMarroux, motorista policial, vindo da tropa de instrução do quartel general da Guarda Nacional de Satory. Seu caráter reservado o havia mantido afastado da alegre tagarelice dos motoristas ministeriais no pátio; graças a seus nervos de aço e à sua habilidade como motorista, que lhe permitia dirigir velozmente e com segurança, lhe havia sido dado o cargo permanente de motorista pessoal do presidente de Gaulle. Além de Marroux, o carro estava vazio. Atrás dele, o segundo “DS I9” era dirigido também por um policial militar de Satory.

Às 19h45, outro grupo apareceu do outro lado das portas, e novamente os homens que estavam no asfalto adotaram a posição de sentido. Trajado com seu habitual uniforme cinza carvão de corte militar, com sua gravata escura, Charles de Gaulle apareceu do outro lado da porta de vidro. Com uma medida muito ao estilo antigo, convidou Madame Yvonne de Gaulle a atravessar primeiro a porta, a seguir segurou-lhe o braço para acompanhá-la pela escada até o “Citroën” que esperava. Ao chegarem ao carro se separaram, e a esposa do Presidente subiu no banco traseiro do primeiro veículo pelo lado esquerdo. O general sentou-se ao seu lado entrando pelo lado direito.

Seu genro, o coronel Alain de Boissieu, então chefe do Estado Maior das Unidades Blindadas e de Cavalaria do Exército Francês, verificou que as duas portas traseiras estavam bem fechadas, e, após conferir, se sentou no banco dianteiro, ao lado de Marroux.

Ocuparam o segundo veículo dois membros do grupo de funcionários que haviam acompanhado ao Presidente e a sua esposa ao descerem a escada. Henri d’ Joudet, o corpulento guarda-costas argelino que estava de serviço aquele dia, se sentou no banco dianteiro, ao lado do motorista, e, ajeitando bem o revólver que levava sob o braço, recostou-se comodamente no encosto do banco. A partir daquele momento seus olhos se moveriam continuamente, cravando-se não somente no veículo que os antecedia, como também nas calçadas e nas esquinas por onde passavam a toda velocidade. Após dar uma última ordem a um dos agentes de segurança que estava de serviço e que se encontrava no palácio, o segundo homem se sentou, sozinho, no banco traseiro. Era o comissário Jean Ducret, chefe do Corpo de Segurança da Presidência.

Junto ao muro oeste, dois agentes motorizados com capacetes brancos ligaram os motores de suas motos e se dirigiram lentamente, surgindo por entre as sombras, em direção à grade. Pararam a uns três metros da entrada e olharam para trás. Marroux afastou o primeiro “Citroën” do pé da escadaria, virou em direção à grade e parou atrás dos motociclistas. O segundo veículo o seguiu. Eram 7h50 da noite.

Novamente a grade de ferro se abriu dos dois lados, e a breve comitiva, passando pela guarda, enfileirou no Faubourg Saint-Honoré. Chegando ao final a comitiva entrou na Avenue de Marigny. À sombra das castanheiras, um jovem com capacete branco, montado numa motocicleta, viu a comitiva passar; depois se afastou da fileira e seguiu logo após. O tráfego era normal para um final de semana de agosto, e não havia sido dado o aviso de que o Presidente iria passar. Somente o barulho das sirenes dos motociclistas advertia os policiais que estavam de serviço, os quais, assim que as ouviam, começavam a agitar os braços e a apitar freneticamente para reter a tempo o trânsito.

A comitiva aumentou a velocidade na avenida sombreada pelas árvores e saiu na Place Clemenceau, cruzando-a numa reta só até a Pont Alexandre III. Indo sob a escolta dos carros oficiais, o jovem da scooter não teve dificuldade em segui-los. Após passar pela ponte, Marroux seguiu os dois motociclistas pela Avenue Général Gallieni e dali à ampla Boulevard des Invalides. Ao chegar àquele ponto, o jovem da scooter soube o que desejava averiguar. Na esquina da Boulevard des Invalides, com a Rue de Varennes, diminuiu a velocidade e virou em direção a um café situado na mesma esquina. Já no interior do local, tirou do bolso uma ficha telefônica, foi para a parte de trás do café, onde ficava o orelhão, e fez uma chamada.

O tenente-coronel Jean-Marie Bastien-Thiry esperava em um café do subúrbio de Meudon. Tinha 35 anos, era casado, tinha três filhos e trabalhava no Ministério da Aeronáutica. Por trás da fachada tradicional de sua vida profissional e familiar, sentia um profundo ressentimento contra Charles de Gaulle, quem, em seu julgamento, havia traído a França e os homens que em 1958 o haviam chamado novamente ao poder, ao ceder a Argélia aos nacionalistas argelinos.

A perda da Argélia em nada lhe havia afetado economicamente e sua atitude não se baseava em nenhuma consideração do tipo pessoal. Bastien se considerava um patriota e estava convencido de que serviria a sua amada pátria eliminando o homem que a havia traído. Naquela época, milhares de pessoas compartilhavam de tal opinião; porém, poucos deles eram membros

fanáticos da Organização Secreta do Exército que havia jurado matar de Gaulle e derrotar seu Governo. E Bastien-Thiry era um deles.

Tomava uma cerveja quando o chamaram ao telefone. O barman lhe passou o telefone, e depois se dirigiu ao outro extremo do bar, para sintonizar a televisão. Bastien-Thiry escutou por alguns segundos, sussurrou: “Muito bem, muito obrigado”, e desligou. Já tinha deixado paga a cerveja. Saiu do bar até a calçada, tirou embaixo do braço um jornal enrolado, e cuidadosamente o desdobrou duas vezes.

Do outro lado da rua, uma jovem mulher deixou cair a cortina da janela no primeiro andar e, virando-se em direção aos doze homens que se encontravam no aposento, disse: “Rodovia número 2”. Os cinco mais jovens, aprendizes na arte de matar, deixaram de torcer as mãos e se levantaram no mesmo instante.

Os outros sete eram mais velhos e estavam menos nervosos. O mais experiente entre eles no projeto de assassinato e imediato de Bastien-Thiry, era o tenente Alain Bougrenet da la Tocnaye, membro da extrema direita e pertencente a uma família de grandes latifundiários. Tinha 35 anos, era casado e tinha dois filhos.

O homem mais perigoso era Georges Watin, 39 anos, um fanático da OSE, de ombros largos e mandíbula quadrada, que havia sido engenheiro agrônomo na Argélia e que ao final de dois anos havia se tornado um dos pistoleiros mais perigosos da OSE. Por causa de uma velha ferida na perna, apelidaram-no de O Manco.

Quando a moça deu a notícia, os doze homens começaram a descer a escada em direção à parte de trás da casa, que dava a uma passagem onde se encontravam estacionados seis veículos, todos eles roubados ou alugados. Eram 7h55 da noite.

Bastien-Thiry havia passado muitos dias preparando pessoalmente o cenário do assassinato, medindo ângulos de tiro, velocidade e distância dos veículos em movimento e o nível de concentração dos disparos necessários para detê-los. O lugar escolhido era um longo trecho em linha reta na Avenue da Libération, que levava ao cruzamento principal da Petit-Clamart. Segundo o plano, o primeiro grupo, composto por atiradores que carregavam seus fuzis, abriria fogo contra o carro do Presidente a uns 200 metros do cruzamento. Os atiradores se esconderiam atrás de uma pequena van dos Correios estacionada em um lado da avenida, e começariam a disparar contra os veículos quase que de frente, para não se verem obrigados a fazê-lo numa corrida de carros circulando a toda velocidade.

Segundo os cálculos de Bastien-Thiry, 150 balas teriam atravessado o primeiro carro quando este chegasse à altura do pequeno furgão. Havendo detido o carro presidencial, o segundo grupo da OSE sairia repentinamente de um entroncamento para cravejar o carro da polícia de segurança quase à queima-roupa. Ambos os grupos dedicariam uns segundos a mais para destruir totalmente o grupo presidencial, e depois correriam em direção aos três veículos preparados, na outra rua, para a fuga.

O próprio Bastien-Thiry, o décimo terceiro homem da equipe, se colocaria à espreita e daria o aviso no exato momento. Às 8h05, os grupos estavam em seus devidos lugares. A cerca de 100 metros do ponto da emboscada, em direção a Paris, Bastien-Thiry estava numa parada de ônibus, com um jornal na mão. Sacudindo o jornal, ele daria o sinal a Serge Bernier, chefe do primeiro comando, quem estaria de pé junto ao pequeno furgão dos Correios. Este transmitiria a ordem aos atiradores ocultos na pastagem, a seus pés. Bougrenet de la Tocnaye dirigiria o carro que deveria interceptar a segurança policial e Watin, o *Manco*, levando consigo uma metralhadora, ficaria no banco dianteiro do passageiro.

Enquanto os atiradores destravavam suas armas, preparando-se para o ataque, quase chegando em Petit-Clamart, a comitiva do general de Gaulle deixava para trás o pesado tráfego do centro de Paris e alcançava as avenidas mais vazias dos subúrbios, onde aumentava sua velocidade até quase os 100 km/h.

Diante da estrada livre de trânsito, Francis Marroux deu uma rápida olhada em seu relógio de pulso e, intuindo a sensível impaciência do velho general no banco traseiro, pisou ainda mais forte no acelerador. Os dois motociclistas lhe deram passagem para que ele ficasse atrás da comitiva. A de Gaulle não lhe agradava a ostentação que o unia intimamente com o fato de que lhe precederam uns motociclistas, e dispensava essa ostentação sempre que podia. E foi assim que a comitiva entrou na Avenue de la Division Leclerc, em Petit-Clamart. Eram 20h17.

Mil e quinhentos metros mais adiante, Bastien-Thiry estava experimentando os efeitos de seu grande equívoco, embora não ficasse sabendo dele até meses mais tarde, quando informasse à Polícia. Ao estudar o horário do assassinato, havia consultado um calendário para se informar que no dia 22 de agosto escureceria às 20h35, o que para ele parecia bastante tarde, mesmo na suposição de que de Gaulle se atrasasse em suas ações habituais, como foi o que aconteceu na realidade. Mas o calendário que o coronel das Forças Aéreas havia consultado correspondia ao ano de 1961. E o dia 22 de agosto de 1962 escureceria às 20h10. Aqueles 25 minutos haveriam

de mudar a história da França. Às 20h18, Bastien-Thiry avistou a comitiva que, a 110 km/h, seguia pela Avenue de la Libération em sua direção, e agitou freneticamente o jornal.

Do outro lado da rodovia, cem metros mais adiante, Bernier tinha os olhos fixos na indistinta figura situada na parada de ônibus e que a crescente escuridão apenas lhe permitia distinguir. “O coronel já fez o sinal?”, perguntou irritado, para ninguém em particular. Ao terminar de dizer essas palavras, viu o nariz de tubarão do carro presidencial que passava como um relâmpago diante da parada de ônibus. “Fogo!”, deu a ordem aos homens que se escondiam próximos a ele. Os atiradores dispararam no exato momento em que o comboio chegava a sua altura, em um ângulo de 90 graus, contra um alvo móvel que se movia a 110 km/h.

O fato de que o carro recebesse o impacto de doze balas constitui o melhor elogio para com a pontaria dos pistoleiros. A maioria das doze balas ficaram incrustadas na parte traseira do “Citroën”. Estouraram os pneus e, embora fossem do tipo que se auto-fechavam automaticamente, a súbita perda de pressão fez com que o carro desse uma derrapada e que as rodas dianteiras patinassem. Foi então que Francis Marroux salvou a vida de de Gaulle.

Enquanto o perito entre os atiradores, o ex-legionário Varga, disparava contra as rodas, o restante dos atiradores esvaziava seus carregadores contra a janela traseira. Várias balas atravessaram a blindagem, e uma delas destruiu o vidro traseiro e passou a poucos centímetros do nariz do presidente. No banco dianteiro, o coronel de Boissieu se virou e gritou para seus assistentes: “Abaixem-se!”. Madame de Gaulle abaixou a cabeça até os joelhos de seu marido. O general soltou um grito: “Como! Outra vez?” e se virou para olhar pela janela traseira.

Marroux segurou com força o volante e virou suavemente na mesma direção da derrapada, ao mesmo tempo em que deixava de pisar fundo no acelerador. Por um instante, o “Citroën” perdeu velocidade, mas a recuperou novamente para correr em direção ao cruzamento com a Avenue du Bois, a rua onde esperava o segundo grupo de homens da OSE. Atrás de Marroux, o carro dos agentes de segurança seguia colado em sua traseira, sem haver recebido um tiro sequer.

Para Alain Bougrenet de la Tocnaye, que esperava com o motor ligado na Avenue du Bois, a velocidade dos carros que se aproximavam lhe oferecia algumas alternativas: interceptar sua passagem, o que equivalia a um suicídio, uma vez que sem dúvida alguma morreria esmagado pelos ferros retorcidos de seu próprio carro, ou seguir com o plano previsto, porém com meio segundo de atraso. E decidiu pela última alternativa. Quando apareceu com seu

veículo na travessa para coincidir com o comboio presidencial, não ficou posicionado à altura do carro de de Gaulle, senão ao carro do guarda-costas d’Jouder e do comissário Ducret.

Debruçando-se pela janela do lado direito e colocando todo o seu corpo para fora até a cintura, Watin esvaziou sua metralhadora contra a parte traseira do primeiro “DS”, no qual, através do vidro feito estilhaços, pôde ver o ilustre perfil de de Gaulle. – “Por que esses idiotas não dispararam em suas vezes?” – perguntou de Gaulle em um tom de queixa.

D’Jouder estava tentando disparar contra os atiradores da OSE de uma certa distância – uns três metros – que separava os dois carros, mas o motorista não lhe deixava ver. Ducret gritou para o motorista que seguisse o Presidente, e um segundo depois a OSE já havia ficado para trás. E, quanto aos dois motociclistas, um dos quais esteve a ponto de ser lançado de seu banco pela repentina entrada de la Tocnaye desde a rua lateral, se acalmaram e se uniram aos carros. A comitiva completa entrou em um cruzamento, passou por ele e prosseguiu até Villacoublay.

No lugar da emboscada, os homens da OSE não perderam tempo em se recriminarem. Haveria ocasião para tanto. Abandonando os três carros usados na operação, pularam aos veículos preparados para a fuga e desapareceram na escuridão.

De seu próprio carro, o comissário Ducret contactou Villacoublay por rádio e contou rapidamente o ocorrido. Com a chegada da comitiva, dez minutos depois, o general de Gaulle insistiu em ir diretamente aonde os esperava o helicóptero. Quando o carro se deteve, um grupo de oficiais e funcionários o rodeou e abriram as portas para ajudar a transtornada Madame de Gaulle a descer do veículo. Por outro lado, o general baixou do carro e se sacudiu, tirando os estilhaços de vidro que tinha na lapela. Sem prestar atenção à impressionada gentileza dos oficiais que o rodeavam, deu a volta no carro e tomou pelo braço sua esposa.

– Vamos, querida, vamos para casa – disse, e finalmente se pronunciou dando seu veredito sobre a OSE na presença do pessoal das Forças Aéreas –. Não têm pontaria.

Após tais palavras, conduziu a esposa até o helicóptero e sentou-se a seu lado. D’Jouder se uniu a eles, e levantaram voo para um fim de semana no campo.

Na pista, Francis Marroux permanecia sentado, muito pálido, atrás do volante. Os dois pneus do lado direito do carro se haviam finalmente esvaziado e o “DS” descansava sobre os que ainda estavam cheios. Ducret o elogiou ao pé do ouvido e depois prosseguiu com sua tarefa de dispersar os curiosos.

Enquanto em todo o mundo os jornalistas especulavam sobre a tentativa de assassinato e, na falta de algo melhor, enchiam as colunas com conjecturas pessoais, a polícia francesa, comandada pela Sûreté Nationale e apoiada pelo Serviço Secreto e também pela Polícia Militar, impulsionava a maior operação policial da história francesa. Logo, deveria se tornar a maior caçada ao homem que o país jamais haveria de conhecer, e que somente mais tarde seria favorável à caça do homem que se destinava a pegar um outro assassino, cujo nome segue desconhecido, mas que já consta nos arquivos pelo seu apelido, o Chacal.

Conseguiram a primeira pista no dia 3 de setembro e, como ocorre frequentemente na tarefa policial, foi uma simples comprovação rotineira a que gerou resultado. Nos arredores da cidade de Valence, que fica ao sul de Lyon, na rodovia principal que liga Paris a Marselha, uma barreira policial parou um carro particular no qual viajavam quatro homens. Naquele mesmo dia, haviam parado centenas de outros carros para verificar a documentação dos viajantes. Contudo, naquele caso em si, um dos ocupantes do veículo não levava consigo documento de identidade. Disse que havia perdido os documentos; entretanto, ele e os outros três ocupantes foram conduzidos a Valence para serem submetidos ao interrogatório de praxe.

Em Valence, ficou esclarecido que os outros três ocupantes do carro nada tinham a ver com o quarto membro, a quem eles tinham levado de carona, após tê-lo pego na rodovia. Foram colocados em liberdade. No quarto, recolheram suas impressões digitais e as enviaram para Paris, unicamente para comprovar se era realmente quem ele dizia ser. A resposta chegou doze horas mais tarde: as impressões correspondiam às de um jovem de 22 anos, desertor da Legião Estrangeira, sobre o qual, segundo a lei marcial, pesavam várias acusações. Porém, o nome que ele havia informado era de fato correto: Pierre-Denis Magade.

Magade foi transferido aos quartéis-generais do Serviço Regional da Polícia Jurídica de Lyon. Enquanto isso, na antessala, um dos policiais que o vigiavam e que esperavam pelo interrogatório, lhe perguntou em tom de brincadeira:

– Bem, e o que você me diz sobre Petit-Clamart?

Magade, vencido, encolheu os ombros.

– Certo – respondeu –. O que querem saber?

Enquanto os oficiais da polícia o escutavam assustados e as lapiseiras dos taquígrafos preenchiam um bloco após o outro, Magade “abriu o bico” durante oito horas. Quando terminou, havia informado o nome de todos, cada um dos que haviam participado em Petit-Clamart e de

outros nove que haviam tido papéis secundários nas várias fases da conspiração, o que haviam feito nela para a facilitação da equipe necessária. Um total de 22. Iniciou-se a caçada, desta vez a polícia sabia quem procurava.

No final, somente um conseguiu escapar, e não havia sido encontrado até aquela data. Georges Watin fugiu e acredita-se que ele vive na Espanha, assim como a maioria dos demais chefes da OSE.

O interrogatório e a preparação das acusações contra Bastien-Thiry, Bougrenet de la Tocnaye e os demais chefes da conspiração terminaram no mês de dezembro, e o grupo foi julgado em janeiro de 1963.

Enquanto o julgamento transcorria, a OSE concentrou todas suas forças em um outro ataque pesado contra o Governo de de Gaulle, o qual os Serviços Secretos franceses responderam com não menos furor. Sob as agradáveis aparências da vida parisiense, sob a camada de cultura e civilização, deu lugar uma das guerras mais cruéis e sádicas da história moderna.

O Serviço Secreto francês atua sob o nome de Serviço de Documentação Exterior e de Contra-espionagem, conhecido pela sigla SDECE. Cuida igualmente da espionagem no exterior e no interior da França, embora cada serviço em certas ocasiões possa invadir a área de atuação do outro. O Serviço 1 é a espionagem pura, e está subdividido em vários escritórios conhecidos pela inicial R de *Renseignement* (Informação). Estas subdivisões são: R.1, Análise de Espionagem; R.2, Europa Oriental; R.3, Europa Ocidental; R.4, África; R.5, Oriente Médio; R.6, Extremo Oriente; R.7, América/Hemisfério Ocidental. O Serviço 2 trata da contra-espionagem. Os Serviços 3 e 4 fazem parte da Seção Comunista em um só escritório, o Serviço 6 é o de Finanças, e o 7 o de Administração.

O Serviço 5 é designado em uma única palavra: Ação. Este escritório foi o núcleo central na guerra contra a OSE. Desde os quartéis-generais situados em um complexo com vários edifícios de aparência comum, localizados nas proximidades da Boulevard Mortier, junto à Porte des Lilas, na periferia do nordeste de Paris, as centenas de “durões” do Serviço de Ação partiam para a guerra. Aqueles homens, a maioria deles da Córsega, eram os mais próximos que caberia achar na vida real aos “durões” da literatura e do cinema. Recebiam uma completa instrução física, para o qual eram transferidos ao Acampamento de Satory, onde uma seção especial, isolada das demais, ensinava profundamente a arte da destruição. Todos eles se transformavam

em especialistas na luta com armas curtas, no combate sem armas, no caratê e no judô. Faziam cursos de comunicação por rádio, de demolição e sabotagem, de interrogatório com torturas e sem elas, de sequestro, incêndio e assassinato.

Alguns deles somente falavam francês; outros falavam perfeitamente várias línguas e sentiam-se em sua própria casa, em qualquer capital do mundo. Tinham permissão para matar no cumprimento de suas missões, e com frequência faziam uso desse direito.

Quando as atividades da OSE pediram maior violência e brutalidade, o diretor da SDECE, o general Eugène Guibaud, retirou a flocina daqueles homens e os jogou contra a OSE. Alguns deles foram recrutados pela OSE e conseguiram se meter em seus Conselhos mais confidenciais. A partir de seus cargos, se limitavam a facilitar informação para que os demais atuassem, e muitos emissários da OSE, enviados em missão à França ou a outras zonas onde eram vulneráveis à polícia, foram presos graças à informação proporcionada pelos homens do Serviço de Ação infiltrados na organização terrorista. Em outras ocasiões, os homens que deveriam ser presos não podiam ser induzidos a ingressar a França, e então eram executados fora do país. Vários parentes de homens da OSE que simplesmente desapareceram sempre tiveram a certeza de que haviam sido eliminados pelo Serviço de Ação.

E não é que a OSE necessitasse de lições de violência. Odiavam os homens do Serviço de Ação, conhecidos como os *barbouzes* ou “barbudos” pelo motivo de sua atuação camuflada, mais do que qualquer policial. Nos últimos dias da luta pelo poder entre a OSE e as autoridades de de Gaulle na Argélia, a OSE conseguiu capturar sete *barbouzes* vivos. Seus cadáveres foram achados depois, pendurados em varandas e sacadas, com orelhas e narizes cortados. Desta maneira, a guerra às escondidas continuava, e a história completa daqueles que morreram torturados em sótãos desconhecidos e nas mãos de quem o fez nunca será conhecida.

Os demais *barbouzes* seguiam fora da OSE, à disposição da SDECE. Alguns deles eram assassinos profissionais do submundo antes de haverem se alistado, mantinham seus antigos contatos, e em mais de uma ocasião recorriam à ajuda de seus antigos amigos de gangue para finalizar algum trabalho particularmente sujo em nome do Governo. Estas atividades deram lugar ao que se discutia na França, sobre a existência de uma polícia “paralela” (não governamental) que supostamente estava às ordens de um dos homens de confiança do presidente de Gaulle, Jacques Foccart. Na realidade não existia semelhante polícia “paralela”; as atividades que se atribuíam eram cumpridas pelos homens fortes do Serviço de Ação ou pelos chefes das

organizações criminosas do submundo, temporariamente contratados. Os corsos, que dominavam tanto o universo do submundo como o Serviço de Ação de Paris e de Marselha, são especialistas na arte da *vendeta*; e após o assassinato dos sete *barbouzes* da Missão C na Argélia, foi efetuada uma *vingança* contra a OSE. Da mesma forma que o universo do submundo corso ajudou aos aliados durante os desembarques no sul da França em 1944 (em interesse próprio; mais tarde, como recompensa, obtiveram quase todo o monopólio do comércio de drogas na Costa Azul), assim como nos primeiros anos das décadas de 1960-1970 os corsos lutaram novamente pela França em sua vingança contra a OSE. Muitos dos homens da OSE que eram pés pretos (franceses de origem argelina) tinham as mesmas características que os corsos, o que em certas ocasiões acabou quase gerando uma guerra entre compatriotas.

Na medida em que o julgamento de Bastien-Thiry e seus comparsas progredia, a campanha da OSE também progredia. A luz guia, o incitador, nos bastidores, da conspiração de Petit-Clamart, era o coronel Antoine Argoud. Graduado em uma das mais prestigiosas universidades da França, a Escola Politécnica, Argoud era um homem inteligente e munido de enérgica dinâmica. Como tenente, sob o comando de de Gaulle no período da França Livre, havia lutado contra os nazistas pela libertação da França. Depois, teve sob seu comando um regimento de cavalaria na Argélia. Baixo e magro, porém forte, era um militar brilhante e implacável. Em 1962 tinha se tornado o chefe de operações da OSE no exílio.

Perito na guerra psicológica, Argoud percebeu que a luta contra a França de de Gaulle devia acontecer em todos os níveis: pelo terror, pela democracia e mediante as relações públicas. Como parte da batalha, organizou para o chefe do Conselho Nacional da Resistência – a ala política da OSE –, o ex-ministro francês das Relações Exteriores, Georges Bidault, uma série de entrevistas em jornais e emissoras de televisão da Europa Ocidental, nas quais devia explicar a oposição da OSE ao general de Gaulle em termos “respeitáveis”.

Argoud estava contribuindo com a sua inteligência evidente, que outrora havia feito dele o coronel mais jovem do Exército francês e que o havia tornado o homem mais perigoso da OSE. Organizou para Bidault uma quantidade considerável de entrevistas com as principais cadeias de jornais e de correspondentes, nas quais o velho político vedou com uma camada de responsabilidade as atividades menos aceitáveis dos “durões” da OSE.

O êxito da operação propagandista de Bidault, orientada por Argoud, alarmou o Governo francês, assim como as táticas terroristas e a onda de bombas plásticas que explodiam nos

cinemas e cafés de toda a França. Então, no dia 14 de fevereiro, foi descoberta outra conspiração para assassinar o general de Gaulle. No dia seguinte, o Presidente deveria dar uma conferência na Escola Militar do Campo de Marte. Segundo os planos dos conspiradores, ao entrar no saguão, de Gaulle levaria um tiro pelas costas, tiro esse disparado por um assassino subido na beirada do telhado do edifício vizinho.

Os sujeitos, mais tarde julgados pela conspiração, foram: Jean Bichon, um capitão da artilharia chamado Robert Poinard e uma professora de inglês da Academia Militar, Senhora Paule Rousselet de Liffiac. O executor material do atentado deveria ser Georges Watin, contudo mais uma vez o *Manco* conseguiu sumir. Um fuzil com mira telescópica foi encontrado no apartamento de Poinard e os três foram presos. Mais tarde, no julgamento, ficou claro que, procurando por um modo de introduzir Watin com sua arma na Academia, haviam consultado o oficial Marius Tho, quem havia advertido imediatamente a polícia. No dia 15, o general de Gaulle assistiu à cerimônia militar no horário previsto, porém, com grande descontentamento de sua parte, concordou em chegar em um carro blindado.

A conspiração era certamente tola, mas provocou a ira de de Gaulle. No dia seguinte mandou chamar o ministro do Interior, Frey, e, dando um murro na mesa, disse ao ministro responsável pela segurança nacional:

– Esse tema dos atentados já chegou longe demais.

Decidiu dar uma lição, a alguns dos principais conspiradores da OSE, com o propósito de desanimar os demais. Frey não tinha a menor dúvida quanto ao resultado do julgamento de Bastien-Thiry, que ainda transcorria no Supremo Tribunal Militar, pois seria extremamente difícil para Bastien-Thiry explicar, sentado no banco dos réus, por quais razões acreditava que Charles de Gaulle devia morrer. Porém, era preciso algo mais para dissuadir os conspiradores.

No dia 22 de fevereiro, uma cópia de um memorando que o diretor do Serviço 2 da SDECE (Contra-espionagem) tinha enviado ao ministro do Interior caiu na mesa do chefe do Serviço de Ação. Tenho aqui um resumo:

“Conseguimos verificar o paradeiro de um dos principais mentores do movimento subversivo, o ex-coronel do Exército francês, Antoine Argoud. Fugiu para a Alemanha e, segundo informações do nosso Serviço de Espionagem local, pretende ficar por lá, durante vários dias...”

“Sendo assim, a captura de Argoud não será impossível. Visto que a solicitação formulada pelo nosso serviço oficial de contra-espionagem às organizações alemãs de segurança competentes foi recusada, e estas organizações esperam que nossos agentes comecem a perseguir Argoud e os outros chefes da OSE. A operação, dado que será dirigida contra a pessoa de Argoud, deverá ser finalizada com a máxima rapidez e discrição”.

O trabalho foi transferido para o Serviço de Ação.

Na metade da tarde, do dia 25 de fevereiro, Argoud chegou em Munique, vindo de Roma, onde havia-se reunido com outros chefes da OSE. Mas em vez de se dirigir imediatamente à UnertlStasse, pegou um táxi para ir ao “Hotel Eden-Wolff”, onde tinha reservado um quarto, ao que parecia, para promover uma reunião. Não chegou a comparecer. No saguão do hotel, foi abordado por dois homens que se dirigiram a ele, em um alemão impecável. Supôs que eram policias alemães e levou a mão ao bolso interno do casaco em busca do passaporte.

Argoud sentiu que lhe agarravam ambos os braços em um brutal apertão, e que seus pés deixavam de tocar o chão. Imediatamente foi levado para fora do hotel e colocado em uma van da lavanderia que esperava ali mesmo. Tentou fugir, e a resposta foi uma grande quantidade de ameaças em francês. Uma mão calejada lhe acertou o nariz, outra o estômago, um dedo procurou o ponto nervoso sob a orelha, e Argoud apagou como uma luz.

24 horas depois, um telefone tocou no escritório da Brigada Criminal da Polícia Jurídica, no Nº 36 do Quai des Orfèvres de Paris. Uma voz ríspida chegou aos ouvidos do sargento que estava de guarda, quem respondeu o chamado dizendo que era da OSE e que Antoine Argoud, “perfeitamente embrulhado”, se encontrava em uma van estacionada atrás do edifício do CID. Poucos minutos depois a porta do veículo se abria e Argoud descia com dificuldade, no meio dos boquiabertos agentes de polícia que o cercavam.

Seus olhos, vendados durante 24 horas, não conseguiam enxergar nada. Tiveram que ajudá-lo a ficar em pé. Tinha o rosto coberto por sangue ressecado, proveniente do nariz, e a boca doía por causa da mordaca que a polícia lhe retirara. Foi quando alguém lhe perguntou: “Você é o coronel Antoine Argoud?”, e murmurou: “Sim”. O Serviço de Ação havia conseguido, e não se sabia como, lhe haviam feito cruzar a fronteira durante a noite anterior, e a chamada anônima feita para a polícia sobre o pacote que os esperava em seu próprio estacionamento nada mais era do que uma amostra do senso de humor peculiar do Serviço. Argoud não foi colocado em liberdade até o mês de junho de 1968.

Porém, o Serviço de Ação não tinha levado em conta um detalhe. Com a saída de Argoud de cena, apesar da enorme desmoralização que isso causou na OSE, havia tornado possível que sua eminência cinzenta, o pouco conhecido porém igualmente sagaz, coronel Marc Rodin, assumisse o comando das operações encaminhadas a assassinar de Gaulle. Em muitos aspectos, essa troca havia sido um mau negócio.

No dia 4 de março, o Supremo Tribunal Militar decretou a sentença contra Jean-Marie Bastien-Thiry. Ele e mais outros dois, foram condenados a morte, assim como mais outros três que ainda não haviam sido capturados, entre eles Watin, o *Manco*. No dia 8 de março, o general de Gaulle escutou em silêncio, durante três horas, os pedidos de clemência expostos pelos advogados dos condenados. Trocou duas das penas de morte, por cadeias perpétuas, mas não a pena que Bastien-Thiry havia recebido.

Naquela noite, seu advogado comunicou a decisão ao coronel das Forças Aéreas.

– Foi fixada para o dia 11 – disse a seu cliente; e vendo que este continuava sorrindo com incredulidade, esclareceu bruscamente: – Vão te fuzilar.

Bastien-Thiry seguiu rindo e mexeu a cabeça.

– Você não entende – disse a seu advogado – Nenhum pelotão de franceses levantará seus fuzis contra mim.

Estava equivocado. A notícia da execução foi espalhada, em francês, às oito da manhã pelo Jornal transmitido pela Rádio Europa Um. Foi escutada em quase toda a Europa Ocidental por aqueles que quiseram escutá-la. Em um pequeno quarto de hotel na Áustria, a notícia propagada devia colocar em movimento uma cadeia de pensamentos e de ações que levariam ao general de Gaulle o mais próximo da morte, do que ele jamais havia estado em toda sua carreira. O quarto era do coronel Marc Rodin, novo chefe de operações da OSE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta aqui portanto, é a de trazer ao leitor brasileiro, uma retradução ao português, de uma das obras mais conceituadas no mundo do romance policial, com uma linguagem mais atualizada e próxima ao presente momento. Isso é claro, sem perder a essência do original e também, sem alterar qualquer informação apresentada na obra. Além disso, queríamos proporcionar ao nosso público-alvo, uma leitura que corresse mais fluente e que assim, lhe trouxesse um sentimento de satisfação e proximidade com o texto apresentado. Notamos que o que foi produzido aqui, trouxe um grande crescimento acadêmico, pessoal e também profissional para o autor dessa proposta de retradução. Acreditamos também que os resultados e a conclusão geral da pesquisa puderam demonstrar que os objetivos propostos foram concluídos, graças ao aprofundamento no mundo dos textos literários, assim como o aprofundamento no meio deste gênero literário. A vontade de retraduzir a obra por completo, foi crescendo gradativamente ao perceber que grandes obras que tiveram suas primeiras retraduições feitas várias décadas atrás, necessitam de uma atualização e contextualização para o leitor contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Ivone C. e Sobral, Adail (orgs.). *Conversa com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola, 2003.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor: Quatro traduções para o português*. Trad. João Barreto. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008. Disponível em: <http://www.escritoriolivro.com.br>

BERMAN, Antoine. *A tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Trad. Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

Cadernos de Tradução (Tradução, retradução e adaptação). Marie-Hélène Catherine Torres; John Milton (orgs.). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, n. 11, v. 1, 2003.

FORSYTH, Frederick. *El día del Chacal*. Buenos Aires: Emecé, 1972.

FORSYTH, Frederick. *O dia do Chacal*. Trad. de Pinheiro de Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.